

**O CÉU !
EXISTE !**

Don Piper
com Cecil Murphey

O CÉU EXISTE !

Lições do homem que passou
90 minutos no céu sobre a
alegria de viver na terra

Tradução de
Omar Alves de Souza



THOMAS NELSON BRASIL

Rio de Janeiro
2008

Título original: *Heaven is real*

Copyright © 2007 por Don Piper e Cecil Murphey
Edição original por Berkley Publishing Group, uma empresa do Penguin Group (USA) Inc.

Todos os direitos reservados.

Copyright da tradução © Thomas Nelson Brasil, 2008.

EDITOR RESPONSÁVEL

Nataniel dos Santos Gomes

SUPERVISÃO EDITORIAL

Clarisse de Athayde Costa Cintra

PRODUTORA EDITORIAL

Bárbara Coutinho

TRADUÇÃO

Omar Alves de Souza

CAPA

Valter Botosso Jr

COPIDESQUE

Magda de Oliveira Carlos Cascardo

REVISÃO

Margarida Seltmann

Cristina Loureiro de Sá Neves Motta

Joanna Barrão Ferreira

PROJETO GRÁFICO E DIAGRAMAÇÃO

Julio Fado

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA FONTE
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

P735c

Piper, Don, 1950-

O céu existe!: lições do homem que passou 90 minutos no céu sobre a alegria de viver na terra/Don Piper; com Cecil Murphey; [tradução Omar Alves de Souza]. - Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2008.

Tradução de: *Heaven is real*

ISBN 978-85-6030-340-3

1. Céu - Cristianismo. I. Murphey, Cecil B. II. Título.

08-2659.

CDD: 236.1

CDU: 236.1

Todos os direitos reservados à Thomas Nelson Brasil
Rua Nova Jerusalém, 345 – Bonsucesso
Rio de Janeiro – RJ – CEP 21402-325
Tel.: (21) 3882-8200 – Fax: (21) 3882-8212 / 3882-8313
www.thomasnelson.com.br

Sumário

Agradecimentos

1. Atravesso a ponte	9
2. O dia em que entrei à direita	19
3. Sim, existe mesmo	29
4. Os resultados das decisões	37
5. Por que Deus não deseja que eu seja feliz?	41
6. Sozinho	51
7. Cicatrizes ocultas	57
8. Supere!	63
9. Novos marcos	73
10. Foco no que é eterno	81
11. A perspectiva celestial	89
12. Não é bem a vida que escolhi	101
13. Identifique e coloque em prática a nova versão da normalidade	111
14. Por que eu?	121
15. Só uma vida	129
16. Tire proveito do sofrimento	137
17. O melhor a fazer é rir	147
18. Ajudar e receber ajuda	155
19. A ponte da compaixão	163
20. Opção pela ação de graças	171

21. Contentamento aprendido	179
22. Agüente firme	187
23. O poder da oração	197
24. Eu tenho essa confiança	209
25. Por que Deus não me curou por completo?	215
26. Valeu a pena?	221
27. A última ponte	227

Agradecimentos

Neste momento, você tem em mãos o livro que eu sempre quis escrever desde que passei uma noite em claro no 21.º andar do Centro Médico St. Luke, em 1989. Depois de um gravíssimo acidente de automóvel que me permitiu ter um vislumbre da glória, o brilho do sol da manhã foi um sinal de que aquele era o primeiro dia do restante de minha vida. Mas eu ainda não estava preparado para escrever a respeito disso.

Amigos e familiares tiveram de me convencer a contar aquela parte da história. Eles disseram que o relato ajudaria outras pessoas. Depois disso, ainda levei quatorze anos até colocar aquela experiência celestial no papel. O livro *90 minutos no céu: a verdadeira história de alguém que conheceu o Paraíso e voltou para contar* narra minha jornada ao céu e meu retorno milagroso à Terra.

Desde a publicação daquele primeiro livro, tive a oportunidade de falar em vários lugares do mundo e recebi milhares de mensagens eletrônicas, cartas e telefonemas. Também ouvi inúmeros testemunhos pessoais. Todas essas reações corroboram a ministração daquele livro. Durante esse tempo, também apresentei um conceito especialmente caro ao meu coração: eu o chamo “a nova versão da normal”. Posso escrever sobre isso porque sei, com toda a certeza, que o céu *existe mesmo*.

Nos anos que se seguiram ao meu acidente, amigos e parentes me obrigaram a descobrir uma maneira de viver com propósito depois de tan-

tas perdas e tragédias. Muitas revelações pessoais que surgiram a partir daquela jornada estão presentes neste livro: lições sobre como viver com alegria nesta Terra, que aprendi depois de passar noventa minutos no céu.

Tenho orado e continuarei orando para que este livro seja igualmente útil para aqueles que tentam retomar a vida depois de uma grande perda, como tantas outras pessoas conseguiram a partir de meu primeiro livro. O céu existe, e um dia chegaremos lá. Enquanto isso não acontece, Deus deseja que vivamos uma vida cheia de sentido na Terra.



Este projeto, ao qual me dediquei de todo o coração, não seria possível sem a ajuda de meu talentoso parceiro literário, Cecil Murphey. Cec é um amigo querido, e um dos mais capazes escritores profissionais da atualidade. E ele sabe muito bem como é viver a nova versão do normal. Nossa agente, Deidre Knight, da Agência Knight, é motivo de alegria para nós dois. Desde o início, ela percebeu que esse projeto alcançaria a vida de muitas pessoas. Nossa editora, Denise Silvestro, foi incansável no aprimoramento do manuscrito deste livro com o objetivo de torná-lo um instrumento capaz de sensibilizar os leitores. Obrigado, Cec, Deidre e Denise, por sua fé e seu apoio.

Pessoas de todos os cantos do planeta me inspiraram durante a minha jornada. O incentivo que me ofereceram foi determinante para meu novo conceito de normalidade. Eu me considero uma pessoa muito abençoada por causa de minha filha, Nicole; de meus filhos, Chris e Joe; e de minha esposa, Eva. Sou um homem privilegiado por poder contar com o apoio de meus pais, Bille e Ralph, e de meus sogros, Eldon e Ethel Pentecost, nessa jornada.

Dedico este livro às pessoas mencionadas e a todos aqueles que transformaram suas tragédias pessoais em testemunhos, suas decepções em encontros divinos, seu desespero em inspiração e suas perdas em vitórias.

O céu existe!

DON PIPER
Março de 2007

ATRAVESSO A PONTE

O céu existe. Sei disso porque estive lá e voltei para contar. Por mais estranho que possa parecer, é a pura verdade. Até onde me seja possível comunicar tal notícia por meio das palavras, desejo compartilhar essa experiência e tudo quanto ela produziu em minha vida. Em especial, quero escrever sobre as coisas que aprendi. O problema é que ninguém é capaz de explicar uma experiência com tal perfeição a ponto de todas as outras pessoas conseguirem sentir exatamente como foi que aquilo aconteceu. O máximo que posso fazer é tentar.

Minha história teve início em 18 de janeiro de 1989.

A travessia da ponte sobre o lago Livingston, no Texas, mudou minha vida para sempre. Naquele dia, morri e fui para o céu. Não se tratava de uma experiência de quase-morte: eu morri mesmo, literalmente. Dois paramédicos — talvez oito, ao todo — examinaram meu corpo sem vida e me declararam morto depois que uma carreta de dezoito rodas reduziu a sucata meu Ford Escort... comigo dentro. Incapazes de me retirar do veículo, eles cobriram o carro com uma lona.

Depois do impacto, não vi nenhuma luz, nem flutuei através de nenhum túnel. Não vi nada parecido com as coisas descritas por gente que passou por algum tipo de experiência de quase-morte (EQM). Em determinado momento, eu estava vivo, mas no instante seguinte, me vi de pé diante dos portões do céu. Faço questão de ressaltar tudo isso porque algumas pessoas não conseguem acreditar em como alguém é capaz de ir ao céu e voltar, a não ser o próprio Jesus. Elas insistem na opinião de que eu passei apenas por uma experiência de quase-morte. Não discuto com essas pessoas, mas tenho certeza de que morri. Fui ao céu e experimentei o espanto, a alegria e a perfeição completa da vida que espera por todo o povo de Deus.

Quero dar uma breve explicação sobre minha morte. Em primeiro lugar, um fato é irrefutável: durante, pelo menos, noventa minutos meu corpo não deu qualquer sinal de vida. As pessoas que passam por experiências de quase-morte saem de seus corpos, no máximo, por alguns minutos; eu saí de meu corpo por, no mínimo, uma hora e meia.

No corpo humano circulam aproximadamente 5,5 litros de sangue. Eu tinha ferimentos por todo o meu corpo. Se a minha experiência tivesse sido uma EQM, meu coração teria continuado a bombear sangue. Se eu não tivesse morrido de fato, meu coração não pararia de bater. Nesse caso, eu sangraria até a morte, pois meu coração teria continuado a bombear sangue até parar de funcionar.

Meu coração parou de bater porque a minha morte foi instantânea. Por essa razão, ele não bombeou mais sangue. Se meu coração tivesse continuado a funcionar, eu teria perdido tanto sangue que, não importa o que fizessem para tentar me salvar, não faria a menor diferença, pois não teriam como substituir a quantidade de fluido que eu perderia.

Em segundo lugar, eu não apresentava nenhum sinal vital. Os parâmetros médicos teriam percebido a diferença entre uma coisa e outra. Eram todos profissionais. Usavam equipamentos para eletrocardiograma, e disseram que eu não tinha pulso. A maioria das pessoas sabe que, se o cérebro é privado de oxigênio por mais de seis minutos, as células morrem e a pessoa nunca mais pode ser ressuscitada. Por, pelo menos, uma hora e meia eu havia perdido pouco sangue e os médicos não encontraram nenhuma evidência de danos cerebrais.

Eu morri.

Essa é a única forma sensata e lógica de explicar o que aconteceu comigo. Eu não apenas acredito que morri; creio também que, durante minha morte, passei pela experiência de ir ao céu. Já havia lido a respeito do céu em minha Bíblia. Já ouvira sermões e assimilara uma grande quantidade de conhecimento teológico sobre a vida que há além da vida terrena. Mas nenhuma das descrições com as quais tivera contato fazia justiça ao que encontrei no verdadeiro céu.

E nem poderia mesmo. O céu é muito maior e muito mais maravilhoso do que as palavras humanas são capazes de expressar. Em meus dois livros anteriores¹ forneci detalhes sobre minha jornada.

O tema deste livro não é minha jornada *no* céu; é sobre minha jornada *de volta* para o céu. Com isso quero dizer que já estive lá uma vez, e agora quero retornar. Na verdade, já estou trilhando a estrada que me levará de volta ao céu.

O que posso compartilhar é que hoje sou uma pessoa diferente daquela que costumava ser até o momento em que comecei a atravessar a ponte sobre o lago Livingston. Aquela ponte mudou a minha vida. Se eu não tivesse optado por passar por ela, não teria sofrido as limitações físicas nem sentiria as dores que me incomodam hoje em dia. No entanto, também não teria provado as alegrias do céu.

Nos anos que se seguiram ao acidente, pensei por várias vezes sobre as pontes. Elas ligam um lugar ao outro. Elas constituem o meio pelo qual deixamos uma posição antiga e chegamos a um novo lugar. Também passei a pensar nas pontes como símbolos ou metáforas para explicar a minha vida.

Neste livro, uso a imagem da ponte como ligação entre as várias mudanças radicais da vida. Passamos por muitas pontes desse tipo:

- O primeiro dia de aula.
- A formatura no ensino médio ou na faculdade.
- O momento em que tiramos a carteira de motorista.
- O dia em que ouvimos alguém dizer: “Bem-vindo à nossa empresa” (ou: “Você está demitido”).
- O instante em que nosso olhar se cruza com o daquela pessoa que passamos a amar, à qual dizemos: “Eu aceito.”

- O momento em que nos conscientizamos da perda de um amigo chegado, de um parente ou de qualquer outra pessoa a quem amamos.
- O dia da dissolução de um casamento ou de uma amizade.

A lista prossegue, mas tais experiências possuem um fator em comum: a partir daquele momento, nossa vida muda de direção. É possível que tenhamos procurado nos preparar para essas ocasiões ou, pelo menos, imaginado qual seria a nossa reação caso tais coisas viessem a acontecer. No entanto, nunca podemos dizer com certeza como ficará a vida do outro lado da ponte até que a atravessemos de fato.

Depois de cruzarmos essas pontes, a velha estrada fica para trás e nunca mais voltamos a ser exatamente quem éramos antes. Podemos até querer voltar atrás — principalmente se essa travessia ocorre durante um período de perda ou dor —, mas isso não é possível.

A travessia de pontes também nos faz lembrar que a vida nem sempre é fácil. Aliás, em nenhum momento Deus prometeu que seria. Esperamos com ansiedade pelos momentos de alegria e celebração, mas também devemos enfrentar as situações tristes e negativas. Para os momentos felizes, não queremos nem precisamos de conselhos sobre como aproveitar da melhor maneira possível. Mas, quando a ponte nos leva a situações de tristeza, a maioria das pessoas precisa de uma mão amiga para se reerguer ou de um abraço companheiro.

Ao pensar sobre esses pontos de transição em nossa vida — e são *mesmo* pontos de transição —, devemos entender que ela nunca mais voltará a ser o que era antes. Também precisamos compreender que, mesmo nas experiências tristes ou negativas, podemos crescer a partir dessas situações.

Pouco antes de terminar este livro, meu parceiro literário, Cecil Murphey, passou por uma experiência angustiante: a casa dele pegou fogo e seu genro morreu no incêndio.

Cec não apenas perdeu uma pessoa a quem amava. O fogo também destruiu todas as suas posses materiais. “Não gostei do que aconteceu”, ele disse, “mas senti que Deus estava comigo enquanto passava por tudo aquilo. Graças à paz de Deus, fui capaz de encarar as perdas e recuperar meu equilíbrio emocional.”

Esse exemplo também nos faz lembrar de que, na maior parte das vezes, não escolhamos as pontes que devem ser atravessadas. O máximo que podemos fazer é, vez por outra, olhar para a graça de Deus para nos ajudar nesses momentos de transição.

Embora passemos por muitas mudanças durante nossa jornada no mundo, neste livro procuro me concentrar em três pontes específicas em minha vida. Quando olho para trás e vejo minha vida como um todo, essas três pontes se destacam como as mais significativas para mim.

As pontes que você atravessa em sua vida podem não ser as mesmas, mas posso garantir que uma coisa elas terão em comum: você experimentará uma mudança capaz de mudar sua vida de maneira definitiva. Todo mundo passa por isso. Você chegará a um ponto na vida em que seu mundo virará de cabeça para baixo e nada mais será igual. As coisas não voltarão mais a ser o que eram. Você terá de encontrar um novo sentido para o conceito de “normal”.

É assim que funcionam as travessias de pontes. A princípio, e talvez por muito tempo, você pode se sentir fora do prumo e sem norte, mas durante esse período, Jesus Cristo promete: “Deixo-lhes a paz; a minha paz lhes dou. Não a dou como o mundo a dá. Não se perturbe o seu coração, nem tenham medo” (João 14:27).

A primeira ponte significativa para mim não foi aquela pela qual passei sobre o lago Livingston. Atravessei uma ponte simbólica aos dezesseis anos de idade. Embora não tivesse como entender na época, uma escolha consciente que fiz quando era adolescente alterou o caminho que eu trilharia por toda a minha vida. Se eu não tivesse feito aquela escolha, nunca teria participado de certa conferência em Trinity Pines. Se não tivesse atravessado aquela ponte aos dezesseis anos, nunca teria ido ao céu, independentemente da data de minha morte.

A seguir, apresento a história da primeira e mais importante ponte que atravessei.



Cresci em Bossier City, em Louisiana, uma cidade do outro lado do rio, em relação a Shreveport. Certa manhã, em pleno verão, quando eu

tinha dezesseis anos de idade, a campainha tocou. Minha mãe foi até a porta da frente e ouvi quando ela perguntou: “Quem?” Ela se virou e me chamou: “Don, há três crianças aqui querendo falar com você.”

Eu me encaminhei até a porta, onde encontrei um garoto e duas garotas. Eles se apresentaram como Barry, Carmen e Jan.

— Somos da Primeira Igreja Batista daqui de Bossier City — disse Barry.

Uma das garotas estudava no mesmo colégio de ensino médio que eu, mas os outros dois freqüentavam um colégio rival do outro lado da cidade. Eles não me disseram como sabiam meu nome, e eu também não me lembrei de perguntar.

— Vimos aqui porque gostaríamos de convidar você para visitar a nossa igreja — Barry continuou.

Acho que hesitei um pouco, pois uma das garotas perguntou:

— Você costuma ir à igreja?

— Não, não vou — respondi, balançando a cabeça. — Quer dizer, não vou com freqüência.

— Você gostaria de visitar a nossa igreja? Ficaríamos muito felizes se você fosse — disse Barry.

— Temos muitas atividades para adolescentes — afirmou uma das garotas.

— E a gente se diverte muito fazendo as coisas — a outra continuou.

Eu sabia que a Primeira Igreja Batista era muito grande, embora não voltasse lá havia anos.

— Hum... e onde vocês se encontram? — perguntei.

Com o maior entusiasmo, eles me disseram onde costumavam se encontrar e explicaram em detalhes várias atividades em que estavam envolvidos.

— Se você for, estaremos lá para recebê-lo — prometeram os três.

— Sim, está bem — eu disse.

Em seguida, eles me informaram os horários de todos os encontros. Cinco minutos depois, foram embora. Não me importei muito com a visita daqueles três nem com a promessa que fiz. Meus pais, porém, ensinaram que, quando fazemos uma promessa, temos o dever de cumpri-la.

Como eu já tinha carteira de motorista, aquela era uma boa desculpa para pegar o carro.

Não acredito que eles estivessem esperando que eu fosse, mas fui. Parei o carro no estacionamento e caminhei até a porta de entrada que eles haviam indicado. Depois que entrei, percebi que se tratava de uma espécie de área de recepção. Um homem mais velho me conduziu ao grande salão onde os adolescentes se reuniam.

Assim que entrei no salão, aqueles três jovens me viram. Eles pularam de alegria e correram em minha direção. Eu fui à igreja porque eles me convidaram e eu prometi que iria. Simples assim. Se não fosse por isso, não teria ido. Também fui porque três pessoas me convidaram e disseram que estariam lá para me receber, de maneira que eu não me sentiria deslocado.

Na mesma hora, eu me senti como se estivesse em casa. Tinha alguém para sentar-se ao meu lado — sabe como é, aos dezesseis anos, nenhum garoto quer sentar-se sozinho ou se sentir isolado. Voltei no domingo seguinte e no outro também. Não demorou muito para eu e Barry nos tornarmos bons amigos. Namorei Jan por algum tempo, e logo me tornei parte integrante do grupo de jovens da igreja.

O resultado mais importante de minhas participações nas atividades dos jovens foi ouvir o que os professores da escola dominical tinham para dizer. Eu assistia aos cultos de louvor sem que ninguém ficasse me forçando a nada. Quando tinha alguma dúvida, os líderes me davam as respostas e ninguém me tratava como se eu fosse um garoto bobão. Os adultos e os outros adolescentes costumavam conversar sobre a importância de ser salvo e de nascer de novo, mas ninguém jamais me pressionou a ter uma experiência daquele tipo.

Passadas algumas semanas, cheguei à conclusão de que precisava fazer algumas mudanças. Não entendia tudo o que estava acontecendo, mas eu desejava ser diferente: queria ter aquele mesmo brilho, o entusiasmo pela vida que via em muitos de meus amigos nascidos de novo. Pensei sobre aquilo por vários dias, sem muita certeza do que deveria fazer e até mesmo se queria mudar de fato.

Certa manhã de domingo, o pastor encerrou o culto, como fazia todas as semanas, com um convite para que as pessoas aceitassem Jesus Cristo. “Deus está chamando você. Hoje é seu dia.”

Eu sabia que Deus estava me chamando, mas não queria ir à frente. Naquele dia, não tomei a decisão de seguir a Jesus Cristo. Não resisti por ser uma pessoa obstinada, mas porque queria ter certeza de que tinha aprendido tudo quanto precisava para me tornar um cristão. Eu não tinha interesse em assumir qualquer tipo de compromisso para depois me arrepender e ficar pensando: “Em que fria me meti.” Queria entender o que Deus esperava de mim.

Continuei questionando muito. Depois de uma longa sessão de perguntas e respostas, meu professor de escola dominical propôs:

— Por que não convida o pastor de jovens para visitá-lo? Ele vai sentar-se com você e responder a todas as perguntas que fizer a ele.

— Essa é uma ótima idéia — eu disse.

A convite meu, nosso pastor de jovens, Tom Cole, foi me visitar dois dias depois. Ele era uma pessoa muito agradável. Falamos sobre esportes, colégio e outras coisas sobre as quais os adolescentes costumam conversar. Passados alguns minutos, ele se inclinou para frente e perguntou:

— Don, você tem pensado seriamente em se tornar um cristão?

— Tenho pensado muito nisso — respondi. — Foi por essa razão que eu quis que você viesse me visitar.

Ele deu um sorriso e, com sabedoria, permitiu que eu prosseguisse falando.

— Hum... veja bem, tenho freqüentado a escola dominical e os cultos há alguns meses, e comecei a ler a Bíblia. Leio com regularidade. Estou me esforçando para entender o que ela diz.

Ele sacudiu a cabeça, concordando.

— Só não tenho é muita certeza do que preciso fazer — expliquei.

— Na verdade, esse processo é muito simples — ele disse. — Se você crê...

— Eu creio — interrompi.

— Então você deve pedir a Jesus Cristo que entre em seu coração. Assim, estará aceitando o que ele fez por você na cruz.

Tom Cole explicou o processo de salvação com muita calma e paciência, e se certificou de que eu tivesse entendido tudo quanto ele disse. Eu balançava a cabeça afirmativamente o tempo todo. O modo como ele explicava as coisas fazia muito sentido.

— Você gostaria de fazer isso agora mesmo? — ele perguntou.

— Sim, eu gostaria — respondi, sem qualquer sombra de hesitação.

— Eu realmente gostaria de fazer isso agora mesmo.

— Incline sua cabeça e peça a Jesus para entrar em seu coração.

Foi assim, bem simples. Orei e pedi a Jesus Cristo que entrasse em minha vida e me salvasse. Orei, como aprendi mais tarde, da maneira que costuma ser chamada “oração do pecador”.

Depois que terminei, ele e eu dissemos: “Amém.” Em seguida, ele comentou:

— Os anjos no céu estão em festa por causa dessa decisão que você tomou. Eles estão cantando o seu nome porque sabem que você acaba de nascer para o Reino de Deus.

Gostei daquele raciocínio. Tom Cole abriu a Bíblia e me pediu para ler, em voz alta, as palavras de Jesus: “...há alegria na presença dos anjos de Deus por um pecador que se arrepende” (Lucas 15:10).



A oração do pecador foi o ponto de partida de minha vida espiritual. Eu não tinha a menor idéia de que aquela simples decisão, feita aos dezesseis anos de idade, mudaria a minha vida e daria direção a ela. Eu sabia da importância de me voltar para Deus, mas como poderia perceber que tudo em meu mundo mudaria, especialmente a minha atitude e os meus valores?

Os anos se passaram. Minha vida evoluiu e amadureci. Eu me tornei mais ativo na igreja, fui para a faculdade e o seminário. Depois, entrei no ministério.

Por causa daquela decisão que fizera aos dezesseis anos, aos 38 eu estava participando de uma conferência de pastores. Quando aquele evento terminou, peguei o caminho do portal de Trinity Pines para entrar na auto-estrada. Pisei e mantive o pé no freio por alguns segundos antes de prosseguir a viagem. Naqueles poucos segundos, tomei outra decisão que, mais uma vez, mudaria o curso de minha vida.

A decisão que tomei aos dezesseis anos determinou o meu destino quando morri no acidente de automóvel. Naquele tempo, eu não percebia

CAPÍTULO 1

que havia cruzado a primeira e mais importante ponte de minha vida. A decisão de atravessar a ponte que divide a morte eterna da vida eterna significava que eu nunca mais seria a mesma pessoa. Quando atravessei minha segunda ponte, 22 anos depois, estava preparado para entrar no céu.

